
Sinalizadores para uma análise global dos processos jornalísticos

Vilso Junior Chierentin Santi¹

Resumo: Análise dos Estudos Culturais e de sua configuração, do “Circuito da Cultura” e de sua aproximação com o “Circuito das Notícias”, numa tentativa de abordagem integral e integradora que reivindica uma visão global sobre os processos jornalísticos, sustentada na ideia de integração entre produção, texto e leitura. O trabalho busca sinalizadores capazes de balizar a incursão no campo da comunicação e do jornalismo e parte das contribuições teórico-metodológicas, em especial de Richard Johnson (1999) no que se refere ao “Circuito da Cultura”, para entender e/ou explicar a dinâmica cultural, dos produtos culturais e suas intersecções com a prática jornalística.

Palavras-chave: teorias do jornalismo; circuito das notícias; estudos culturais

Abstract: Analysis of Cultural Studies and its configuration, in the "Circuit of Culture" and its approach to the "Circuit of the News", in an attempt to a holistic and integrative claiming for an overview of the journalistic process, supported in the idea of integration between production, text and reading. This paper searches for signs to serve as landmarks to align into the field of communication and journalism and uses the theoretical and methodological contributions, in particular Richard Johnson's (1999) regarding the "Circuit of Culture", to understand or explain the cultural dynamics, cultural products and their intersections with the journalistic practice.

Keywords: theories of journalism; circuit of the news; cultural studies

Resumen: Análisis de los Estudios Culturales y su configuración, el "Circuito de la Cultura" y su cercanía con el "Circuito de las Noticias", en un intento oolítico e integrador que reivindica una visión general del proceso periodístico, apoya la idea la integración entre la producción, el texto y la lectura. Las banderas de búsqueda de empleo sirven como puntos de referencia a la incursión en el campo de la comunicación y el periodismo y en la parte de los aportes teóricos y metodológicos, sobre todo de Richard Johnson (1999) con respecto al "Circuito de la Cultura", para entender y explicar la dinámica cultural, los productos culturales y sus intersecciones con la práctica periodística.

Palabras clave: teorías del periodismo; circuito de las noticias; estudios culturales

Procurando marcadores capazes de guiar nossa incursão pelo universo da comunicação, mais especificamente pelo campo do jornalismo, lançamos mão de algumas

¹ Doutorando (PPGCOM/PUC-RS). E-mail: vjrsanti@yahoo.com.br

contribuições teórico-metodológicas com o objetivo de apresentar, primeiro, alguns conceitos e/ou ideias sobre a comunicação e a prática jornalística – todos vinculados à tradição dos Estudos Culturais; à sua origem, desenvolvimento e aproximação com o mundo comunicacional. Depois, estruturamos nossa abordagem relacionando as considerações acerca da comunicação e do jornalismo com a cultura e sua lógica de funcionamento, produção e circulação.

Para tanto, tomamos de empréstimo o modelo concebido por Johnson (1999), a fim de explicar a dinâmica da cultura e dos produtos culturais, e o transplantamos analogicamente para o campo jornalístico. Visto de outra forma, buscamos arquitetar um esquema para análise do jornalismo, como resultante de um processo de construção cultural via notícias, conforme uma lógica sistêmica.

Ao recuperar o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999), aquilo que Strelow (2007) chamou de “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e o “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção” de Escosteguy (2007), tentamos despertar a atenção tanto para a necessidade quanto para a possibilidade de combinação entre diferentes técnicas de pesquisa social em comunicação. Tal concertação potencialmente pode levar a estudos que busquem contemplar juntos, e da forma mais integral possível, os principais momentos do processo jornalístico (análise da produção, do texto e das leituras, junto com seus reflexos nas culturas vividas e nas relações sociais).

Os estudos culturais e sua configuração

A Inglaterra, todos sabemos, não ofereceu ao mundo apenas a Revolução Industrial. Grandes correntes de pensamento, ligadas ao desenvolvimento do saber, também foram gestadas nas ilhas britânicas. Uma dessas correntes, os Estudos Culturais (EC), surgiu no final dos anos de 1950 vinculado ao CCCS (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos) da Universidade de Birmingham. Desde seu nascimento os EC foram pautados pela transdisciplinaridade e fortemente influenciados pelo estruturalismo e pela semiologia materialista. Nos primórdios, a escola teve seus pressupostos firmados pelos pesquisadores Richard Hoggart, Raymond Williams, Edward Palmer Thompson e, posteriormente, Stuart Hall.

A mercantilização da cultura, bem como a aceleração da organização capitalista dentro do universo cultural, facilitada pela atuação progressiva dos meios de comunicação, está entre os principais fatores que contribuíram para a formatação dos Estudos Culturais como linha de pesquisa em seu nascedouro. Desde então, a corrente tem se caracterizado por vincular suas análises às realidades históricas locais, pela variedade de objetos que analisa e por sua interdisciplinaridade. “Aquele que realiza Estudos Culturais fala a partir de interseções”, ressalta García Canclini (1995, p.27).

Já nessa breve linha histórico-temporal fica claro, conforme os postulados dos EC, que a cultura não pode ser apreendida como um todo. De acordo com Johnson (1999, p.19), para entendê-la precisamos de uma estratégia particular de definição. Uma

estratégia capaz de revisar as abordagens existentes que, além de identificar seus objetos característicos e a abrangência de sua competência, também mostre suas falhas e seus limites. Na verdade, diz ele, “não é de uma definição ou de uma codificação que precisamos, mas de ‘sinalizadores’ de novas transformações”.

Nesses termos, o exame e a comparação entre problemáticas teóricas é componente essencial para uma boa análise cultural. Segundo Johnson (1999, p.23), porém, “sua dificuldade principal é que as formas abstratas de discurso desvinculam as ideias das complexidades sociais que as produziram ou às quais elas, originalmente, se referiam”.

Em Johnson, portanto, a designação ‘cultura’ tem valor apenas como um lembrete, não como uma categoria precisa. Conforme ele, falar de cultura é falar de polissemia. Por isso, na tentativa de emprestar maior precisão ao fenômeno cultural, Johnson (1999, p.25) prefere falar da relação entre ‘consciência’ e ‘subjetividade’ para melhor defini-la. Para o autor, os problemas centrais dos Estudos Culturais estão situados nalgum ponto entre esses dois termos:

Para mim, os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais.

Assim, conforme o autor, as abstrações simplistas que têm sido usadas até o momento no estudo da cultura não podem nos levar muito longe. Em acordo com sua definição do que é cultural Johnson (1999) não mais limita o campo às práticas especializadas, aos gêneros particulares ou às atividades populares de lazer. Segundo ele, todas as práticas sociais podem ser examinadas de um ponto de vista cultural, ou seja, podem e devem ser escrutinadas pelo trabalho que fazem subjetivamente – máxima que vale também para jornalismo e seus modos de produção, circulação e consumo.

O circuito da cultura e o circuito das notícias

Com vistas a explicar a complexificação das questões socioculturais, bem como suas ricas categorias intermediárias, Johnson (1999, p.31-32) propõe um modelo de análise bem mais estratificado do que as teorias gerais existentes até então. Um modelo que, idealmente, ambiciona ver os diferentes lados de um mesmo e complexo processo.

Para tanto, segundo o autor, é necessária a descrição ao menos provisória dos diferentes aspectos ou momentos dos processos culturais, aos quais poderiam ser relacionadas diferentes problemáticas teóricas – como a do “Circuito das Notícias”, por exemplo. O resultado desse exercício é, porém, um modelo não acabado. Para Johnson (1999, p.33) apenas “um guia que aponta para as orientações desejáveis de abordagens futuras ou de que forma elas poderiam ser modificadas ou combinadas”.

A fim de melhorar o entendimento de sua proposta, o autor (1999, p.33) apresenta seu modelo de forma diagramática (Figura 1). O diagrama, segundo ele:

Tem por objetivo representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Cada quadro representa um momento nesse circuito. Cada momento depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. Segue-se que se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros. As formas que tem mais importância para nós, em um determinado ponto, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro ponto.

Esse diagrama proposto por Johnson (1999, p.34) baseia-se, em sua forma geral, numa leitura da descrição que Marx fez do circuito do capital e suas metamorfoses, onde os processos sempre acabam por desaparecer nos produtos. Para Johnson:

Todos os produtos culturais, por exemplo, exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas simplesmente examinando-os como 'textos'. De forma similar, os produtos culturais não são 'lidos' apenas por analistas profissionais, mas pelo público em geral. Por isso, nós não podemos prever essas leituras a partir de nossa própria análise ou, na verdade, a partir das condições de produção.

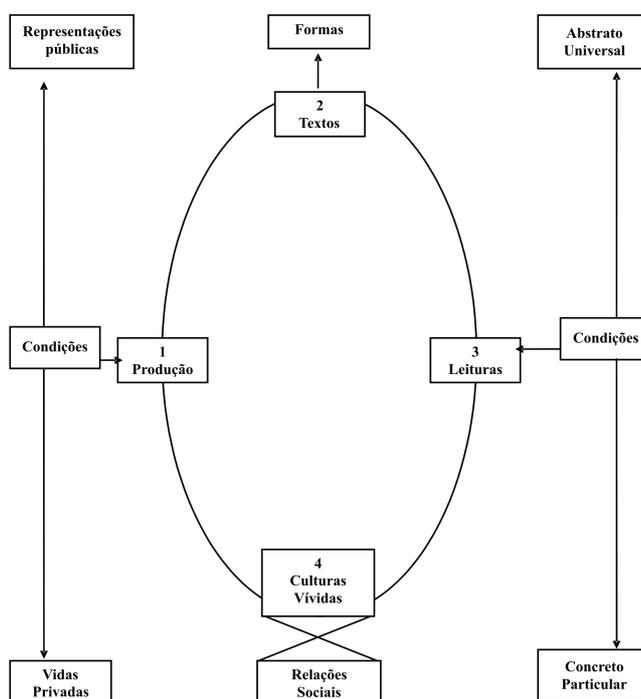


Figura 1 – Diagrama do circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais (Johnson, 1999, p.35).

Johnson (1999, p.34) alerta ainda que, devido à circularidade do sistema, as

comunicações tendem a ser transformadas ao longo de seu percurso, principalmente em seu caminho de retorno. Segundo ele, para compreender adequadamente essas transformações temos de compreender “as condições específicas do consumo e da leitura”. Estas, por sua vez, incluem as “simetrias de recursos e de poder” tanto materiais quanto culturais.

Também acabam por incluir os elementos culturais já ativos no interior de contextos particulares as culturas vividas e as relações sociais das quais essas combinações dependem. “Esses reservatórios de discursos e significados constituem, por sua vez, material bruto para uma nova produção cultural. Eles estão na verdade entre as condições especificamente culturais de produção” (Johnson, 1999, p.34).

Outro ponto importante assinalado por Johnson (1999, p.35) diz respeito ao fato de que em nossas sociedades muitas formas de produção cultural assumem também a forma de mercadorias capitalistas. Assim sendo, conforme o autor, temos de prever tanto condições especificamente capitalistas de produção, quanto condições especificamente capitalistas de consumo. “É por isso que nesses casos o circuito é a um só tempo um circuito de capital e um circuito de produção e circulação de formas subjetivas”.

Dessa forma, será pelas notícias que podemos viabilizar aquela aproximação antes proposta – do “Circuito da Cultura” para com os estudos de jornalismo. Notícias tomadas como mercadorias que carregam uma acumulação particularmente rica de significados. Isso, conforme Johnson (1999), levanta questões interessantes sobre o que constitui o texto e evidencia que nunca será suficiente analisar apenas o “design” das notícias e suas formas exteriores, como vem ocorrendo em muitas abordagens.

Portanto, aqui tomaremos de empréstimo o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999) a fim de operacionalizar aquilo que Strelow (2007) convencionou chamar de “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou que Escosteguy (2007) qualificou como um novo e necessário “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção”. Assim sendo, o “Circuito da Cultura” será apropriado como basilar para o entendimento da notícia enquanto produto/produtora de cultura, a qual acaba percorrendo todo o circuito e perpassando, através das disputas em torno das representações, as instâncias de produção, circulação e consumo dos bens culturais.

A análise global dos processos jornalísticos

Neste trabalho, à luz dos estudos de jornalismo, apresentamos uma estratégia de investigação que possibilita a análise de cada uma das etapas apresentadas por Johnson (1999) no “Circuito da Cultura”, destacando o inter-relacionamento entre as mesmas. Visto de outro modo, buscamos delinear uma matriz teórico-metodológica, aplicável à pesquisa jornalística, que tem como diretriz o circuito comunicacional ou o “Circuito das Notícias” e que serve tanto à verificação dos distintos momentos do processo, quanto ao encontro dos pontos de interseção com as teorias e conceitos da área da comunicação. Este olhar global sobre os produtos comunicacionais e jornalísticos tem como premissa colocar em

perspectiva conceitos e inferências que ficariam prejudicados se ancorados a um único ponto do circuito.

A “Análise Global de Processos Jornalísticos” (AGPJ), segundo Strelow (2007) é, nesses termos, uma metodologia de pesquisa que permite o emprego de diferentes técnicas – desde que voltadas à verificação da produção, do texto, da leitura e das relações sociais – no estudo de um produto jornalístico específico. Ela compreende quatro momentos distintos, mas justapostos: 1) análise sócio-histórico-cultural; 2) análise da produção; 3) análise do texto; 4) análise da leitura. Embora esses momentos não sejam estanques e não obedeçam a uma sequência rígida, podemos, para fins de sistematização, analisá-los em separado, o que possibilita um melhor entendimento de suas peculiaridades. No entanto, é necessário ter em mente os entrecruzamentos que acompanham esse processo que é contínuo e sem limites definidos.

Cabe enfatizar, como aponta Johnson (1999, p.106), que o circuito não foi apresentado como uma descrição adequada dos processos culturais ou mesmo de formas culturais elementares; não se trata de um conjunto completo de abstrações em relação à qual toda a abordagem parcial possa ser julgada; e não constitui, também, uma estratégia adequada para o futuro se for tomado como a adição dos três grandes conjuntos de abordagens – produção, texto e leitura – usando-as cada uma em seu respectivo momento. “Isso não funcionaria sem que houvesse transformações em cada abordagem e talvez em nosso pensamento sobre os momentos”. Diz ele:

É importante reconhecer que cada aspecto tem uma vida própria a fim de evitar reduções, mas, depois disso, pode ser mais transformativo repensar cada momento a luz dos outros, importando – para outro momento – objetos e métodos de estudo comumente desenvolvidos em relação a um determinado momento (Johnson, 1999, p.106).

1) A análise contextual sócio-histórica

Na Análise Global dos Processos Jornalísticos, seguindo a proposição de Strelow (2007), recomendamos adicionar ao diagrama proposto por Johnson (1999) uma contextualização sócio-histórico-cultural. Entendemos que agregar tal contexto é fundamental para dar conta do cenário de inserção do objeto de estudo e para a compreensão integral dos processos comunicacionais e de suas realidades de produção e de leitura.

Tal agregação parece particularmente importante quando se procura estudar, por exemplo, a relação entre periódicos impressos representantes do campo do jornalismo e por consequência do campo das mídias; e atores, organizações ou movimentos sociais integrantes do campo político. Assim, pode ser necessário retomar a história de ambos os agentes e seus campos de atuação, bem como, a própria teoria dos campos sociais a fim de posicioná-los nesse universo, palco de sua atuação. Neste momento, a aplicação de técnicas como pesquisas bibliográficas, consulta a documentos e diferentes tipos de entrevistas parecem bastante pertinentes.

A noção de campo, emprestada de Bourdieu, vem ao encontro da necessidade de relacionar o lugar da produção social com o lugar da produção simbólica nas pesquisas em comunicação. Para o autor (1990, p.171), com o referido conceito é possível apreender “a particularidade na generalidade” e “a generalidade na particularidade”. Conforme ele, pode-se exigir da monografia mais ideográfica proposições gerais sobre o funcionamento dos campos e, ao mesmo tempo, hipóteses muito poderosas sobre o funcionamento de um estágio particular de um campo particular. Esta aproximação é o que justifica, em última análise, o estudo da relação entre o campo político e o campo do jornalismo.

Dessa forma o território de um campo vai se constituir a partir da existência de um capital e se organizar na medida em que seus componentes têm um interesse irreduzível e lutam por ele. Capital, conceito chave no modelo proposto por Bourdieu, só é definível a partir da ideia de campo. Na descrição do autor acerca dos capitais, aparece um em especial – o capital simbólico – que por dar sentido ao mundo e transitar entre todos os campos sociais pode ser tomado como superior aos demais.

Conforme Bourdieu (1989, p.14), o poder simbólico, ligado ao capital de mesma ordem, refere-se ao poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crer e de fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo. Ele é um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização. O mesmo só se exerce se for reconhecido, quer dizer, se for ignorado e tomado como arbitrário.

2) A produção e a publicação das notícias

O primeiro momento do processo jornalístico no “Circuito das Notícias”, assim como no modelo proposto por Johnson (1999), é a produção. Nela tratamos da construção da notícia, do produto jornalístico em si e de tudo que está envolvido neste trabalho, ou seja, das próprias condições de produção. O autor aponta como definidores principais dessas condições as representações públicas e a vida privada dos agentes envolvidos nesse processo – no caso das pesquisas em jornalismo, dos próprios jornalistas.

Assim como Strelow (2007), podemos incorporar para a análise deste ponto do circuito o paradigma do Newsmaking – uma hipótese contemporânea de pesquisa em comunicação que se debruça sobre as rotinas de produção no jornalismo. O Newsmaking, segundo Hohlfeldt (2001), está ligado à sociologia do jornalismo e tem ênfase na produção de informações, ou melhor, na potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. O olhar dessa hipótese é centrado no emissor, visto como intermediário entre o acontecimento e a notícia. Ele dá atenção especial ao relacionamento entre jornalistas e fontes, assim como às diferentes etapas de produção: captação, tratamento, edição e distribuição da informação.

A abordagem do Newsmaking articula-se, principalmente, dentro de dois limites: da cultura profissional dos jornalistas e da organização do trabalho e dos seus processos produtivos. De acordo com Wolf (2001, p.188), são as conexões e as relações existentes

entre os dois aspectos que constituem o ponto central desse tipo de pesquisa. Através dessa análise faz-se possível também compreender as culturas vividas e as relações sociais que se estabelecem nesse momento do circuito e que o ligam aos demais.

Mas não é só isso, na matriz teórico-metodológica proposta precisamos também deslindar o lugar de produção dos acontecimentos e não somente o lugar de produção das notícias. Já que, como aponta Bourdieu (1989, p.23), faz parte do dever do jornalista preencher sua obra com significações aparentemente opostas. Pois, para o autor, ao mesmo tempo em que o profissional satisfaz um compromisso realista, que carrega um valor de atestação, ele vale-se inegavelmente do simbolismo na construção das suas pautas.

Ainda segundo o autor, se o enquadramento jornalístico seleciona os objetos, o que é correto, ele também elimina tudo aquilo que não diz respeito à significação pretendida em seu uso. Pois a notícia tem um sentido no contexto histórico, que pode evocar uma força performativa que varia também na história, isto é, atualiza-se de acordo com a posição ocupada pelo agente que a lê e o sistema simbólico de referência que ele aciona.

Dessa forma, conforme Miranda (2000, p.168), para constituir as notícias como um objeto autônomo de estudo precisamos tomá-las como obra da cultura e operar-lhes considerando o sistema de normas que presidem a sua fabricação. Assim, junto com a análise de conteúdo das notícias, que tem valor documental e que pode esclarecer acerca de certos aspectos da vida social, devemos buscar sempre uma análise mais estrutural das suas significações a fim de possibilitar o reconhecimento das normas específicas conhecidas como “padrões” pelos profissionais de imprensa.

Portanto, naturalmente, devemos examinar as formas culturais do ponto de vista da produção. Não podemos, porém, esquecer que essa análise deve incluir as condições e os meios de produção, especialmente em seus aspectos subjetivos e culturais. “Em minha opinião, devemos incluir descrições e análises também do momento real da própria produção – o trabalho de produção e seus aspectos subjetivos e objetivos. Não podemos estar perpetuamente discutindo as condições, sem nunca discutir os atos”, enfatiza Johnson (1999, p.63).

3) O texto e seu descentramento

Conforme o arranjo sugerido, a análise do texto no “Circuito das Notícias” corresponde ao estudo do conteúdo ou do discurso nos produtos jornalístico. Descoladas de uma pesquisa mais ampla, essas técnicas costumam apontar para resultados parciais e, por vezes, incompletos, em relação ao objeto analisado. No entanto, quando cruzadas com outros olhares e combinadas com outras ferramentas, elas podem contribuir significativamente para a compreensão do jornalismo, especialmente porque permitem a observação do produto final, do que será consumido pelos leitores – o texto.

Ao mesmo tempo, como descrito anteriormente, não podemos deixar de admitir que um estudo que pretende se basear numa conjuntura histórica e sazonal deve ter como premissa a crença que o contexto é crucial na produção de significado. Assim, de forma

mais geral, precisamos “descentrar o texto” como um objeto de estudo. Ou seja, o texto não pode mais ser estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas “formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis” (Johnson, 1999, p.75).

Diferentes técnicas podem ser empregadas nesse momento, dentre elas: análise de discurso, de conteúdo, estudos semiológicos, de linguística etc. Porém, tomamos como ilustração para este recorte teórico-metodológico os recursos da análise do discurso. Como trata da prática da linguagem, da construção de sentidos através da língua, a análise do discurso permite nessa perspectiva um mergulho no funcionamento do texto jornalístico, do qual se podem depreender características do autor do texto, do contexto no qual ele foi escrito e do leitor imaginado na referida mensagem (Orlandi, 2001, p.15).

Dessa forma, ao invés da mensagem, o que se propõe nesse momento é pensar o discurso (Orlandi, 2001, p.21). “Não se trata de transmissão da informação apenas, pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação”.

O “discurso é o efeito de sentidos entre locutores”, aponta a autora. Dessa forma, consideramos que a análise de discurso oferece um ponto de vista conveniente para o estudo, pois entende a linguagem não como um simples suporte para a transmissão de informações, mas como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes (Maingueneau, 2002, p.20). Nessa medida, a linguagem também constitui e não apenas descreve aquilo que é por ela representado.

O discurso, assim, não pode ser considerado como objetivo. Efetivamente, ele fornece apenas representações da realidade baseadas em ideias preconcebidas. O discurso é uma forma de representar o conhecimento acerca de determinado tópico, em determinado momento histórico. Ele tem a ver com a produção de conhecimento através da língua, mas como todas as práticas sociais transmitem significados, e os significados moldam e influenciam o que fazemos, todas as práticas têm um aspecto discursivo (Hall, 2003, p. 44).

Ainda no plano dos conceitos, para se refletir o jornalismo no momento texto do “Circuito das Notícias”, há que se ter presente que na relação de sentido todo discurso nasce em outro e aponta para outro discurso; que todo processo de produção discursiva é ao mesmo tempo um processo de recepção; e que todo o processo de recepção implica, por sua vez, o começo de “uma nova cadeia de construção de significantes ou de semiose” (Berger, 2003, p. 25). Assim sendo, o discurso jornalístico, ao inscrever o modo de produção da linguagem na produção social geral, permite localizar a notícia no interior de uma complexa rede produtiva, ou seja, no interior do próprio “Circuito das Notícias”.

Portanto, o conceito de discurso com o qual convém trabalhar nessa perspectiva é aquele defendido por Orlandi (1996, p.180): de linguagem em interação. Desse ponto de

vista, a linguagem é observada em relação às suas condições de produção e o discurso entendido como o lugar onde a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, são constitutivos da significação do que se diz. Segundo essa perspectiva, embora, de fato, o momento da escrita de um texto e o momento de seu consumo sejam distintos, na escrita já está inscrito o leitor e, na leitura, o receptor interage com o autor do texto.

Essa proposta demanda então, ao mesmo tempo, estudar a produção e a leitura em momentos separados além de admitir seu “encontro” em um ponto comum, o texto – desde que ele seja, depois, devidamente descentrado conforme os postulados de Johnson (1999) – pois o contato entre jornalistas e leitores se dá também em outras instâncias. Quer dizer, embora o texto seja o lugar oficial para esse encontro, o contato entre os agentes se dá também fora dele, e essa interação deve ser observada.

4) *A leitura como ato de produção*

A leitura ou a recepção no arranjo teórico-metodológico delineado não pode ser considerada como um momento isolado do processo comunicativo. Ela compõe a dinâmica do “Circuito das Notícias” e está interligada às demais etapas do círculo comunicacional. A leitura então, como define Johnson (1999), não pode mais ser tratada como assimilação – é antes um ato produtivo – que, aliada aos estudos da produção e do texto, empresta materialidade ao processo de comunicação.

Cabe de imediato lembrar que, de acordo com Berger (2003, p.85), os leitores nos textos são sempre leitores na sociedade. Tal assertiva permite através da semiologia pensar uma teoria da produção de sujeitos. Nela, as narrativas ou as imagens sempre implicam ou constroem uma posição ou posições a partir das quais elas devem ser lidas ou vistas. Nessa ótica, o jornalismo não se limita apenas a nos apresentar um objeto, ele na verdade nos posiciona relativamente a esse objeto.

Se acrescentarmos a isso o argumento de que certos tipos de textos naturalizam os meios pelos quais esse posicionamento é atingido, podemos fazer uma conexão entre, de um lado, a análise das formas textuais e, de outro, a exploração das interseções com as subjetividades dos leitores. Para Berger (2003, p.86), isso é possível, mais adequadamente, através da identificação das posições de leitura oferecidas em um texto.

A autora ainda argumenta que o objeto legítimo de uma identificação de posições é constituído pelas pressões ou tendências das formas subjetivas, pelas direções nas quais elas nos movem, ou seja, por sua força. “Mas, passar do leitor no texto para o leitor na sociedade é passar do momento mais abstrato (a análise de formas) para o objeto mais concreto (os leitores reais, tais como eles são constituídos socialmente, historicamente, culturalmente)”, diz Berger (2003, p.87). É por isso que devemos, então, tratar a leitura não como recepção ou assimilação, mas como sendo ela própria um ato de produção.

Cabe ainda considerar que em nosso dia-a-dia nos deparamos com os textos de uma forma bastante promíscua. Na vida cotidiana os materiais textuais são mais complexos,

múltiplos, sobrepostos, coexistentes, justapostos; em uma palavra, “intertextuais”. Portanto, se usarmos uma categoria mais ágil como discurso, para indicar elementos que atravessam diferentes textos, podemos considerar que todas as leituras são também “interdiscursivas”.

Como já dissemos, será o contexto que vai determinar o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma. O contexto, porém, inclui não só o contexto das situações imediatas, mas também o contexto ou a conjuntura histórica mais ampla.

Berger (2003, p.90) ainda alerta: “qualquer análise ficaria incompleta sem alguma atenção ao próprio ato de leitura e sem uma tentativa de teorizar seus produtos”; e aponta que uma ausência comum nas análises corriqueiras em comunicação é a falta de descrições mais elaboradas das formas superficiais e dos fluxos de fala no interior das narrativas, que são o aspecto mais empiricamente óbvio da subjetividade.

Por isso, ela recomenda uma análise daquilo que chama de “aspectos subjetivos de luta”. Ou seja, uma análise que contemple o “fluxo subjetivo no qual os sujeitos sociais (individuais ou coletivos) produzem narrativas sobre quem eles são como agentes políticos conscientes, isto é, como eles se constituem a si mesmos politicamente” (Berger, 2003, p.94).

Cabe ainda aqui agregar outras contribuições. A visão apresentada por Martín-Barbero (1995, p.40) também parece oportuna no que se refere à leitura e/ou à recepção na armação do “Circuito das Notícias”:

A recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma espécie de outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação. Isto significa uma pesquisa de recepção que leve à explosão do modelo mecânico, que, apesar da era eletrônica, continua sendo o modelo hegemônico dos estudos de comunicação.

A proposta do autor é de um estudo não dos efeitos dos meios de comunicação na vida das pessoas, mas do que as pessoas fazem com os meios e de qual é a sua leitura de todo este processo desde o ponto onde se colocam no circuito.

Para Thompson (2005), a recepção é uma atividade, um tipo de prática pela qual o indivíduo percebe e trabalha o material simbólico que recebe. No processo de recepção, os indivíduos usam as formas simbólicas para suas próprias finalidades, de maneiras extremamente variadas e relativamente ocultadas, uma vez que essas práticas não estão circunscritas a lugares particulares.

Ao contrário da produção que fixa o conteúdo simbólico em substratos materiais, a leitura ou a recepção o desprende e o liberta para a interferência do tempo. Além disso, os usos que os receptores fazem dos materiais simbólicos podem divergir consideravelmente daqueles (se é que houve) objetivos pensados ou desejados pelos produtores. Mesmo que os indivíduos tenham pequeno ou quase nenhum controle sobre os conteúdos das matérias

simbólicas que lhes são oferecidas, eles os podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores.

Nesses termos e conforme o autor, a recepção é um processo situado, porque acontece com indivíduos em determinado contexto sócio-histórico; rotineiro, porque é parte integrante das atividades da vida diária; especializado, porque exige conhecimentos específicos (referentes à técnica, ao conteúdo etc.); e hermenêutico, pois envolve interpretação, através da qual os produtos adquirem sentido.

Diferentes ferramentas podem ser empregadas para o estudo da leitura: grupos focais, pesquisa participante, pesquisa-ação, entrevista, história oral etc. Nessa etapa ouvir os leitores é fundamental, pois permite a inserção, nos limites do possível, do pesquisador nas culturas vividas dos leitores, além de representar uma estratégia para entender suas rotinas de leitura.

Considerações finais

Acreditamos, em sintonia com Johnson (1999), Escosteguy (2007) e Strelow (2007), que olhar o jornalismo através das lentes da “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou através de um “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção” é comprometer-se com uma visão globalizante dos processos comunicativos. Tal escolha estratégica visa melhor compreender o “Circuito das Notícias” e seus principais momentos – produção, textos, leituras e culturas vividas – além de exigir especial atenção às relações estabelecidas entre eles e aos desdobramentos daí decorrentes.

O presente trabalho, nesse sentido, resulta de um esforço para formatação de uma proposta teórico-metodológica relativamente nova, híbrida e ainda em construção. Ele pretende colaborar na difusão de uma visão particular sobre jornalismo, como objeto de pesquisa científica na área de comunicação, enfocando aquilo que lhe dá vida, ou seja, seus processos.

Embora carregue pretensões sistematizadoras, tal proposta não pretende, de forma nenhuma, apresentar-se como uma receita única e total. Pensamos que a metodologia mais adequada para um determinado trabalho diz respeito não somente ao objeto escolhido e à problemática a ser estudada, mas também, ao perfil do próprio pesquisador, à sua relação com os estudos na área, e, fundamentalmente, às suas escolhas.

Assim, ao lançarmos mão do “Circuito da Cultura” como sustentáculo desse novo “protocolo” escolhemos combinar diferentes técnicas de pesquisa social em comunicação, num estudo integrador, a fim de tentar suprir da maneira mais integral possível a ausência de estudos com esse caráter dentro do campo da comunicação e do jornalismo. Dessa forma, entendemos esta proposta como uma diretriz a ser problematizada a cada nova pesquisa que poderá vir a utilizá-la.

Referências

- BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A história do fim: uma política e um pensamento libertadores podem surgir do Leste*. In: Folha de São Paulo – 04/02/1990, p. D-20.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. In *Comunicação Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing*. São Paulo: ESPM, Vol.4, N.11, P.115-135, Nov.2007.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. *Teorias da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUZA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MIRANDA, Luciano. *Pierre Bourdieu e o campo da comunicação*. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*. Campinas: Pontes, 2001.
- STRELOW, Aline. *Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso*. Tese. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.